

A escola e as manifestações da sexualidade infantil

The school and manifestations of child sexuality

Aline Raquel de Jesus Lima¹

Bruna Rodrigues Aguiar²

Ana Paula de Castro Freitas³

RESUMO

A sexualidade infantil é um dos aspectos importantes do desenvolvimento humano, apesar da concepção difundida popularmente de que as questões sexuais surgem somente no período adulto e não devem ser atribuídas às crianças. Entretanto, é perceptível manifestações da sexualidade infantil, sobretudo na escola, pois este espaço está sendo frequentado desde a mais tenra idade. Destarte, esse estudo utiliza os constructos do autor Sigmund Freud para compreender a sexualidade infantil e suas manifestações atreladas ao desenvolvimento e, posteriormente, concerne como a escola lida com o desenvolvimento sexual infantil, permitindo compreender a relação entre o ambiente escolar diante a sexualidade infantil.

Palavras-chave: Sexualidade infantil, Contexto Escolar, Psicanálise.

ABSTRACT

Child sexuality is one of the important aspects for human development, although popularly spread as sexual issues that arise only in adulthood and should not be attributed to children. However, it is noticeable manifestations of child sexuality, especially at school, since this space is being frequented since an older age. Thus, this study uses the constructors of author Sigmund Freud to understand child sexuality and its development-related manifestations and later, as a school with child sexual development, allowing a relationship between the previous school environment and child sexuality.

Keywords: Child sexuality, School Context, Psychoanalysis.

Introdução

A sexualidade, no senso comum, sempre esteve atrelada ao ato sexual, à finalidade de reprodução ou associada a comportamentos de depravação, restringindo-se ao mundo adulto. É um assunto pouco discutido, sendo considerado, na maioria das vezes, polêmico, sobretudo quando associado à infância. No senso comum, as crianças são vistas como seres puros, desprovidos de sexualidade, desconsiderando-a como parte do desenvolvimento. Desse modo, o trabalho em questão objetiva entender como a escola lida com as manifestações da sexualidade infantil permitindo um entendimento da relação entre o ambiente escolar frente à temática sexualidade infantil. Este trabalho é constituído a partir das obras Sigmund Freud, entretanto, faz-se necessário ressaltar que devido aos limites impostos ao

¹ Acadêmica do 10º termo do curso de Psicologia no Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Araçatuba-SP.

² Acadêmica do 10º termo do curso de Psicologia no Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Araçatuba-SP.

³ Psicóloga e Professora Especialista no Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Araçatuba-SP.

tema e ao tempo, a pesquisa impõe delimitações. Assim, discorre-se sobre a sexualidade infantil e suas manifestações e, posteriormente, a posição da escola sobre a temática.

Na obra freudiana “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” de 1905, Freud comenta sobre a sexualidade infantil e suas manifestações, apresentando uma concepção ampla da temática, ligada a constituição do psiquismo. O autor aponta ereções e masturbações como atividades normais na infância, contudo, ainda hoje esses comportamentos são encarados pela sociedade como pecaminosos ou atos de depravação, gerando conflitos sexuais podendo estender-se até a vida adulta (FREUD, 1905).

Ao invés de associar a pulsão sexual⁴ como presente apenas na puberdade, o autor discorre a respeito das pulsões parciais presentes desde os anos iniciais da criança, ou seja, a satisfação é buscada em várias zonas erógenas, caracterizada como *“parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade”* (FREUD, 1905, p.172).

O autor apresenta as demais características das manifestações da sexualidade infantil por meio do chuchar, nesta manifestação a criança suga ritmicamente alguma parte do seu corpo (dedos das mãos e dos pés, o pé) e obtém a satisfação da pulsão no próprio corpo (sem objeto), caracterizando o autoerotismo. Esta manifestação ocorre como uma espécie de recordação de quando a criança obtinha prazer ao mamar no seio da mãe. Ou seja, a atividade sexual infantil, inicialmente apoia-se em funções voltadas à preservação da vida e somente após esta fase, passa a ser independente delas (FREUD, 1905).

As principais manifestações da sexualidade infantil estão ligadas às fases do desenvolvimento descritas pelo autor. O chuchar está ligado com a fase oral, pois o prazer é alcançado através da boca, inicialmente por meio do seio materno e depois pela sucção de objetos, brinquedos ou seus dedos. As manifestações sexuais masturbatórias podem dirigir-se a zona anal, no ato de reter as fezes até sua acumulação gerando estimulação intensa na mucosa. As atividades da zona genital são ligadas também à micção, já que o ato de reter e soltar a urina são prazerosos para a criança (FREUD, 1905).

⁴ Pulsão é definida por Roudianesco e Plon (1997, p.630) como a fronteira entre o psíquico e o somático, a pulsão tem sua origem em alguma parte do corpo (somática), porém funciona como *“representante psíquico das excitações provenientes do corpo e que chegam ao psiquismo”*.

Portanto, entende-se que as manifestações da sexualidade infantil envolvem uma aprendizagem sobre as diferenças e semelhanças entre os sexos, além de serem prazerosas, envolvendo a percepção de diferentes sensações, estas contribuem para o desenvolvimento da criança (MAIA; SPAZIANI, 2010). Nesse período de idade, muitas crianças passam a frequentar as chamadas “escolinhas”, desse modo compreende-se que estas instituições presenciam diariamente os comportamentos sexuais infantis.

De acordo com as Referências Técnicas para a Atuação de Psicólogas (os) na Educação Básica (2013), até 1960 as instituições sociais caracterizavam-se pela moralização e a partir de então a militarização amparou as práticas disciplinares em detrimento ao diálogo nos espaços escolares, além disso, a crescente diversidade populacional dentro da escola - quanto às experiências socioculturais - contribuiu para o advento da exclusão.

Desse modo a escola é caracterizada como um ambiente em que busca determinar como se comportar, como aprender, ditando valores, condutas, rótulos, determinando a ordem, concomitante a criação do que foge desse padrão, seguindo normas ideológicas difundidas pelo capital (REFERÊNCIAS TÉCNICAS PARA A ATUAÇÃO DE PSICÓLOGAS (OS) NA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, p. 41).

Em consequência disto, é em um contexto de incongruências e negações – como a sexualidade infantil – que se compreende como a escola lida com as manifestações sexuais infantis.

Metodologia

Este estudo trata-se de revisão de literatura integrativa que aborda trabalhos publicados sobre as manifestações da sexualidade infantil nas escolas.

Dentre as revisões de literatura, a revisão integrativa é a mais extensa, permitindo o uso de diferentes estudos, como experimentais e não experimentais, com o intuito de analisar o fenômeno estudado de modo mais integral. Permite o uso de materiais da literatura teórica e empírica. Possibilita, então, por meio de diferentes métodos de estudos, não somente uma visão ampla do objeto de estudo, mas a elucidação de conceitos, a verificação de estudos e evidências e a investigação de problemas metodológicos (CARVALHO; SILVA; SOUZA, 2010).

A investigação de literatura foi realizada por meio do cruzamento das palavras chaves: Sexualidade infantil, Contexto Escolar e Psicanálise. Foram associadas as seguintes bases de dados utilizadas *Google acadêmico*, *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), *Medical Literature Analysis and Retrieval System on-line* (MEDLINE) e *Biblioteca Virtual em Saúde* (BVS).

Foram excluídos do estudo artigos que apenas disponibilizaram os resumos, títulos não condizentes com os descritores e, por fim, textos sem elementos relevantes para o estudo. Como critério de inclusão, foi delimitado o período de 2009 a 2019, estudos com crianças de idades entre 0 e 6 anos e de escolas públicas. Por meio da análise descritiva dos dados obtidos, pôde-se estabelecer os assuntos para nortear a discussão.

Fez-se necessário ressaltar que apesar da utilização de banco de dados para a pesquisa, este trabalho, utiliza primordialmente a obra de Sigmund Freud para sua fundamentação, uma vez que o autor é um dos maiores estudiosos acerca do tema sexualidade infantil.

Discussão

Como já apontado, historicamente o ambiente escolar tem utilizado a punição, o controle para imposição da disciplina e para ditar aos alunos modos de se comportar e interagir. No cenário atual, a rápida transformação da sociedade com o advento de novos meios de comunicação e informação se coalizam com o sistema pregresso da instituição de ensino, ou seja, ocorre um choque entre os valores pessoais que os agentes escolares carregam, sendo distantes da proposta de um ambiente escolar, que deve prezar pelo ensino, educação, desenvolvimento, aprendizagens, entre outros aspectos.

No âmbito da sexualidade infantil, isso se torna mais explícito. Pastana; Maia (2014) apontam que quando as crianças questionam a respeito do corpo e da sexualidade, suas dúvidas são vistas com desagrado, negação, censura, constrangimento sendo repreendidas ou havendo um silenciamento por parte dos educadores.

Ao invés de promover uma aprendizagem a partir do que os alunos trazem, agem de modo negativo, repreendendo o aluno, considerando que a criança questiona a respeito do sexo para constranger o adulto ou por ser mal-educada ao

invés de simplesmente ter curiosidade e, por isso questiona, objetivando esclarecimentos (PASTANA; MAIA 2014).

Por meio da análise de questionamentos das crianças e da forma como os educadores lidam com eles, é possível compreender a incongruência que há no ambiente escolar, pois é difundido um entendimento negativo da sexualidade para as crianças, pois elas compreendem que na escola não podem questionar sobre a sexualidade e nem esclarecer suas dúvidas (PASTANA; MAIA, 2014).

É crucial permitir aos educadores a compreensão de que a sexualidade infantil não remete somente ao ato sexual e a sexualidade adulta, ou seja, para olhar a sexualidade infantil e entendê-la é preciso deixar de olhar a partir da visão do adulto. Pastana; Maia (2014) definem a sexualidade como um conceito amplo, envolvendo o afeto, os desejos, o bem-estar, a satisfação, as fantasias e a elaboração de vínculos. Determinam que esta se manifesta desde o nascimento, e sua aprendizagem ocorre já na infância, com influência do meio que a criança vive, ou seja, as instâncias que envolvem esse aprendizado, como a família, a escola e demais aspectos circundantes.

Presentemente, observa-se uma maior oportunidade das pessoas se informarem através dos meios de comunicação, contudo a ausência de diálogo e esclarecimento podem ter efeitos negativos, inviabilizando para que as pessoas lidem melhor com a própria sexualidade. A fácil e rápida acessibilidade, entre crianças cada vez menores, a diversos conteúdos midiáticos como músicas, vídeos, filmes, publicidades, jogos, entre outros, influencia o comportamento infantil nos quais são retratadas, na escola, como distinções estereotipadas entre os gêneros feminino e masculino e a hipersexualização.

Dessa maneira, a escola é vista como uma aliada da família, a qual pode contribuir com a educação sexual, por meio do esclarecimento de dúvidas de alunos e pais, que muitas vezes não sabem como lidar com essas questões ou promovendo palestras, rodas de conversa e seminários (MAIA; SPAZIANI, 2010).

Constata-se, assim, que o espaço escolar é privilegiado para promover essa discussão, uma vez que deve permitir a aprendizagem e o encontro de saberes diante os desafios para que a sexualidade da criança seja compreendida com respeito (MARTINI, 2009).

Além disso, a criança expressa sua sexualidade de forma natural nos mais diferentes contextos de sua vida e a escola não deve ser alheia a esse processo. A criança menor, destituída de vergonha, apresenta satisfação em mostrar e observar, sobretudo, as partes sexuais desnudas, caracterizando comportamentos de despir-se frente outros indivíduos e a curiosidade em observar as partes íntimas de colegas de sala (FREUD, 1905).

Por conseguinte, o professor deve ter conhecimento sobre o desenvolvimento integral da criança a fim de apreender a respeito da sexualidade infantil e orientar alunos e pais.

Como apontado por Donizete (2010), a sexualidade infantil é um enigma para a própria criança. Freud discorre sobre enigmas que circundam a vida sexual infantil, movidas pela pulsão de saber e de investigar. A criança elabora suposições, como por exemplo: acreditar que todos os indivíduos têm pênis; ignorar a existência da vagina e pensar que o nascimento dos bebês ocorre por meio do ânus ou do umbigo. E aos professores é preferível desprezar a sexualidade infantil, agindo de modo a reprimir ou até mesmo punir os comportamentos dos alunos.

São comuns em crianças entre 0 e 5 anos a manipulação dos órgãos genitais, a retenção da urina, o beijo, a observação de outras crianças no banheiro, a exibição dos órgãos genitais para outras pessoas, o namoro infantil, a prática de vestir-se com roupas de adulto (fetichismo), as brincadeiras e as curiosidades, quando as crianças perguntam sua origem (SILVEIRA, 2010).

A pulsão sexual infantil abrange outras pessoas como objetos sexuais⁵ ao abarcar as pulsões parciais de olhar e exhibir, a criança apresenta satisfação em mostrar e observar, sobretudo, as partes sexuais desnudas (FREUD, 1905).

Diante desses aspectos, é evidente haver diversas dificuldades em se trabalhar a sexualidade infantil no contexto escolar. Apesar de ser a escola um dos primordiais espaços para aprendizagem e desenvolvimento, os educadores também não estão preparados, seja por conta da formação ou da utilização de valores pessoais, sendo assim, adaptam até mesmo o material didático para lidar com as diversas expressões da sexualidade infantil. De acordo com Quadrado e Barros (2014), a escola é um espaço onde há a produção de subjetividades, ocorrendo a determinação de saberes os quais serão considerados mais importantes ou mais

⁵ Objeto sexual é definido por Freud (1905, p. 128) como “a pessoa de que provém a atração sexual”.

válidos. Nesse âmbito, assuntos voltados à sexualidade – apesar do diminuto espaço encontrado nos materiais didáticos – são desconsiderados ou trabalhados de modo superficial e breve, pautada em explicações biológicas. Os autores propõem que a exclusão de certas temáticas do material oficial utilizado em sala de aula, corrobora para instaurar determinado lugar social que deve ser ocupado por cada um, estabelecendo o que deve ou não fazer parte do currículo (QUADRADO; BARROS, 2014).

Assim, a questão da sexualidade infantil na escola não está perpassada somente pelos valores pessoais dos professores, silenciamentos, distorção ou reprovação dos adultos, mas também uma articulação no próprio currículo escolar para delimitar e legitimar o que deve ser dito e como deve ser dito na escola. (QUADRADO; BARROS, 2014).

Tal abordagem da sexualidade na escola dificulta a compreensão dos alunos sobre esta temática de modo mais amplo, ou seja, relacionando-a ao prazer, ao desenvolvimento, a personalidade, a homofobia, ao preconceito, dentre outros tópicos. Se os professores assimilam e lidam com as manifestações da sexualidade infantil como algo negativo e ruim, essa compreensão é passada aos alunos que entendem a relação com o próprio corpo e prazer de forma negativa, também. Portanto, os autores apontam que as crianças reproduzem em suas interações, os modelos aprendidos com os adultos (PASTANA; MAIA, 2014).

Pode-se inferir que é dentro de um molde informal que a escola “educa” sexualmente seus alunos, ou seja, por meio de sua condução a respeito deste assunto. Castro (2008, p.4) reafirma *“tudo é feito com extrema cautela e com muito receio, buscando refúgio no “científico”, na maioria das vezes evitando a contextualização social e cultural das questões.”*

A formação acadêmica das professoras corrobora para esse lugar marginalizado da sexualidade na escola. Um estudo realizado por Schindhelm (2009), a partir dos discursos das professoras a respeito da formação profissional, evidencia muitas incertezas, medos e preconceitos ligados ao sexual, os quais se enredam aos pensamentos e ideais embutidos por diversos valores associados a religião e a família. A autora aponta para uma formação docente generalizada, havendo uma distância entre o que foi aprendido durante a graduação e o que é presenciado no cotidiano escolar.

Assim, a própria formação contribui para as incertezas ao lidar com as manifestações da sexualidade infantil e a inserção de valores pessoais dentro desse espaço pode ter a intenção de preencher as lacunas. Schindhelm (2009) propõem como necessária uma formação continuada que habilite as professoras a lidarem com a formação de seus alunos de forma ampla e integral, abrangendo os aspectos cognitivos, afetivos e sexuais (SCHINDHELM, 2009).

Dentro deste contexto, o discurso proferido pelas professoras permite compreender o espaço destinado a sexualidade na escola.

Como salientado, a sexualidade na educação infantil é perpassada por diversas questões como estranhamentos e rejeição dos próprios agentes escolares e muitas vezes dos familiares. Nesse âmbito, são os adultos ao redor da criança que ditam como a sexualidade deve ser vivenciada ou não, desconsideram haver um olhar próprio da criança – de aprendizagem, curiosidade – quanto à descoberta de seu corpo, do que lhe é prazeroso.

se as dúvidas que as crianças levam aos mais velhos não são satisfeitas, elas continuam a atormentá-las em segredo, levando-as a procurar soluções, nas quais a verdade adivinhada mescla-se da forma mais extravagante a grotescas falsidades, e a trocar entre si informações furtivas em que o sexo é apresentado como uma coisa horrível e nauseante, em consequência do sentimento de culpa dos jovens curiosos.” (FREUD, 1924, p. 128)

Desse modo, estas inscrições são reproduzidas como homofobia, preconceitos, dificuldades ou o próprio desconhecimento sobre os corpos, afetos e prazer. Dentro desse encadeamento, os agravantes são inúmeros, como a violência sexual, a pedofilia, a gravidez indesejada, DST's, ou seja, as implicações vão desde a dimensão mais subjetiva do sujeito até questões sociais, culturais e políticas.

Tais assuntos são difundidos na adolescência, porém é importante oferecer desde a infância uma educação que contenha o campo da sexualidade, não somente a escola, mas juntamente com a família (FERREIRA, 2013).

Segundo Rodrigues; Wechsler (2014), a educação sexual nas instituições deve transmitir um enfoque sociocultural sobre a sexualidade, permitindo a ampliação da concepção de mundo, ajudando o aluno a aprofundar e refletir sobre a inserção da sexualidade apresenta em sua cultura.

Para Quadrado; Barros (2014, p.120), essa concepção se faz importante, pois *“engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de*

crenças, valores e expressões culturais existentes numa Educação para a sexualidade sociedade democrática e pluralista.”

No ambiente escolar as crianças têm contato com outras de diversas idades, classes sociais, culturas, etnias, religiões, entre outros, havendo diferenciações de gênero, pois a escola fomenta as diferenças de gênero. (GIACHINI; LEÃO, 2016).

Para incluir estas questões na escola, é necessário implantar de modo concreto e objetivo uma gestão escolar democrática, permitindo a participação de toda a equipe escolar, promovendo um espaço de acolhimento para todos, bem como de respeito, de tolerância, de equidade, de compreensão, tendo em vista as condições humanas e sociais que se dão no ambiente escolar” (GLOOR; FRANÇA, 2013).

Em vista dos argumentos apresentados, foi perceptível observar os inúmeros desafios encontrados no ambiente escolar diante a sexualidade infantil. Assim, é necessário enfatizar a importância do espaço escolar e o seu papel na formação de alunos, sendo preciso problematizar padrões e condutas diante a sexualidade, visto que o contexto escolar é privilegiado por promover o aprendizado e conhecimento.

É preciso que os agentes escolares tenham essa dimensão do alcance da educação e destituam-se do olhar adulto, carregado de valores individuais e religiosos a fim de promoverem uma educação democrática, capaz de contribuir para um desenvolvimento saudável e uma aprendizagem com espaço para o diálogo e uma formação contínua dos agentes escolares.

Como citado, o ambiente escolar é transpassado e influenciado pelas questões que o circundam como economia, política, cultura, entre outros. Desse modo, cabe aqui, mais uma reflexão referente especificamente ao contexto político, visto que a vigência do atual governo lança mais obscurantismo referente à sexualidade, pois, o discurso difundido pelo atual presidente é contrário às mudanças relativas à sexualidade, gênero e reprodução, ocorrendo uma ascensão do conservadorismo não somente no Brasil, mas em diversas partes do mundo, reforçando assim, os discursos pautados em valores, modos de agir, ser, se comportar e lidar com a própria sexualidade.

Conclusão

Em virtude dos fatos mencionados, constatamos que a sexualidade infantil na escola é marginalizada, ainda que na mais tenra idade as crianças a manifestem – por ser algo intrínseco ao desenvolvimento – ainda sim os agentes escolares encontram-se despreparados, quando deparam-se com essa temática, sentem constrangimento diante as dúvidas, a curiosidade, as brincadeiras de bebês, pois insistem no olhar “adultilizado”. É imprescindível destituir-se da concepção de que sexualidade é ato sexual, pois, como explicitado, esta apresenta uma dimensão muito mais ampla.

Outro aspecto diz respeito ao paradoxo, onde a escola é o ambiente para promover a aprendizagem e este mesmo local, distorce, ignora e silencia a sexualidade.

Na atualidade, pais e professores percebem cada vez mais evidentes as expressões de sexualidade de crianças e costumam agir de acordo com valores pessoais, concepções religiosas e moralizantes. A escola não trabalha a temática com as crianças. Contudo, a formação dos educadores deve propiciar a reflexão e a instrumentalização para compreender a sexualidade infantil, promovendo uma educação que permita professores, familiares e a própria criança lidar adequadamente com as manifestações sexuais infantis.

É necessário haver mais estudos sobre a educação sexual, principalmente voltada ao desenvolvimento sexual infantil e implementada na formação de professores, pois são contribuições que enriquecem a atuação de profissionais beneficiando-os com uma melhor preparação e, conseqüentemente, fazendo com que as crianças estejam mais bem orientadas sobre a sexualidade. Dito isto, reforça-se a ideia de que é necessário dialogar sobre o tema, afinal, permite às pessoas mais consciência a respeito da sexualidade infantil, além de ser uma oportunidade para esclarecer preconceitos, tabus e mitos.

Familiares informados e crianças mais conscientes a respeito de seu corpo e sua sexualidade podem deixá-los mais atentos em situações em que o espaço da criança é invadido e promove um melhor desenvolvimento, além do fato de que este tipo de diálogo está atrelado à promoção de saúde. É importante ressaltar que o psicólogo pode proporcionar grandes contribuições dentro do espaço escolar, auxiliando na abordagem do tema, visto que é possível haver grande resistência por

parte de agentes escolares e familiares em participarem do assunto, sendo esse um trabalho longo e árduo, mas gratificante quanto aos inúmeros resultados positivos.

Referências Bibliográficas

CASTRO, Roney Polato de. **Professores (As), sexualidade e educação sexual: Produzindo sujeitos nos Contextos do programa de educação afetivo-sexual (Peas)**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Caxambu, v. 31, p. 1-16, 2008. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt23-4624-int.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2019.

DONIZETE, Nayara L. **Sexualidade infantil: Um olhar pedagógico**, 2010. Disponível em <www.unifan.edu.br>. Acesso em 28 de setembro de 2019.

FERREIRA, Julia Laska. SEXUALIDADE INFANTIL NOS ESPAÇOS ESCOLARES. 2013. 32 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www2.unirio.br/unirio/cchs/educacao/graduacao/pedagogia-presencial/JuliaLaskaFerreira.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2019.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. VII, p. 118-229, 2006.

FREUD, S. **O esclarecimento sexual das crianças**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, v. IX, p. 121-129, 2006.

GLOOR, Viviane Cristina Ferreira; FRANÇA, Fabiane Freire. **Sexualidade infantil: Teoria, gestão e docência**. Epct: Encontro de produção científica e tecnológica, Campo Mourão, v. 5, n. 8, p.1-10, 25 out. 2013.

GIACHINI, Alessandra Cristina Bolfe; LEÃO, Andreza Marques de Castro. **RELAÇÃO DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: APONTAMENTOS DA LITERATURA CIENTÍFICA**. Revista Ibero-americana de Estudos em Educação, Araraquara - Sp, v. 11, n. 3, p.1049-1422, 2016.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; SPAZIANI, Raquel Baptista. **Manifestações da sexualidade infantil: Percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos**. Revista Linhas: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, v. 11, n. 01, p.68-84, jun. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2017/pdf_43>. Acesso em: 04 mar. 2019.

MARTINI, Carolina Aparecida. **Sexualidade na educação infantil: uma reflexão sobre a prática pedagógica: Em escolas públicas e privadas na cidade de Cambé-PR**. Orientador: Prof. Dra. Paula Mariza Zedu Alliprandini. 2009. 60 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009. Disponível em:

<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/CAROLINA%20APARECIDA%20MARTINI.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2019.

PASTANA, Marcela; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Reflexões sobre a sexualidade na infância a partir de cenas do cotidiano escolar**. In: MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi et al. Educação para a Sexualidade. Rio Grande, v. 23, n. 7: p. 203-214, nov. 2014.

QUADRADO, Raquel Pereira; BARROS, Suzana da Conceição de. **Corpos, gêneros e sexualidades: Tensões e desafios para o currículo escolar**. Educação para a sexualidade, Rio Grande, v. 23, n. 7, p.115-127, nov. 2014.

RODRIGUES, Cibele Pavani; WECHSLER, Amanda Muglia. **A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, v. 1, ed. 1, p. 89-104, 2014. Disponível em:
<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074026.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2019.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Dicionário de Psicanálise**. Edição Brasileira. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SILVEIRA, Jennifer Martins. **Manifestações da sexualidade da criança na educação infantil: Estranhamentos e desafios**. Orientador: Dra. Denise Silva Araújo. 2010. 148 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, Goiânia, 2010. Disponível em:
<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/1259/1/JENNIFER%20MARTINS%20SILVEIRA.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2019.